

MARY BALOGH



CLUBE DOS SOBREVIVENTES - 6

UM BEIJO
& nada mais



ARQUEIRO

Título original: *Only a Kiss*
Copyright © 2015 por Mary Balogh
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.
Publicado em acordo com a Maria Carvainis Agency, Inc., e a Agência Literária Riff Ltda.
Publicado originalmente nos Estados Unidos pela Signet, selo da New American Library,
uma divisão da Penguin Group, LLC, Nova York.

tradução: Livia de Almeida
preparo de originais: Milena Vargas
revisão: Flávia Midori e Sheila Louzada
diagramação: Abreu's System
capa: Renata Vidal
imagens de capa: Laurence Winram/ Trevillion Images (foto);
Kotkoa/ Shutterstock (flores)
impressão e acabamento:

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B156b Balogh, Mary, 1944-
Um beijo e nada mais / Mary Balogh; tradução de Livia de
Almeida. São Paulo: Arqueiro, 2020.
288 p.; 16 x 23 cm. (Clube dos sobreviventes; 6)

Tradução de : Only a kiss
ISBN 978-65-5565-014-3

1. Ficção americana. I. Almeida, Livia de. II. Título. III. Série.

20-65017

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

CAPÍTULO 1



Percival William Henry Hayes, o conde de Hardford, visconde Barclay, estava imensamente, desmesuradamente, colossalmente entediado. Todos esses advérbios significavam mais ou menos a mesma coisa, claro, mas ele estava de fato entediado até o último fio de cabelo. Estava quase entediado demais para se obrigar a se levantar da cadeira e reabastecer a taça no aparador, do outro lado do aposento. Quase não, ele *estava* entediado demais para isso. Ou talvez apenas bêbado demais. Talvez tivesse exagerado e bebido o equivalente a todo o oceano.

Estava celebrando o trigésimo aniversário, ou pelo menos era o que vinha fazendo antes. Desconfiava que, àquela altura, já passara um bocado da meia-noite, o que significava que o aniversário tinha ficado para trás, assim como toda a irresponsável, divertida e inútil década dos 20 anos.

Descansava na sua poltrona favorita de couro macio, a um canto junto da lareira na biblioteca de sua casa na cidade, como ficava feliz em observar. Mas não estava sozinho como era de se esperar àquela hora da noite – ainda que não soubesse muito bem que horas eram. Em meio à neblina da embriaguez, ele teve uma vaga lembrança das comemorações no White's Club, junto com um grupo agradavelmente grande de companheiros, levando em conta o fato de que ainda estavam bem no começo de fevereiro, uma época nada elegante para marcar encontros em Londres.

O nível de ruído, recordava-se, havia se intensificado a ponto de vários dos sócios mais antigos franzirem a testa em reprovação rigorosa – velhos ranhetas e fósseis, todos eles – e os garçons que habitualmente mantinham expressões indecifráveis começarem a demonstrar traços de tensão e de indecisão. Como seria possível expulsar um bando de cavalheiros bêbados,

alguns de berço nobre, sem ofender a eles e a três ou quatro gerações passadas e futuras? Ao mesmo tempo, como *não* os expulsar, quando a inércia provocaria a ira de ranhetas de berço igualmente nobre?

Alguma solução cordial tinha sido encontrada, pois lá estava ele, na própria casa, com um pequeno e fiel bando de camaradas. Os outros deviam ter partido para outras folias ou apenas se recolhido.

– Sid. – Ele virou a cabeça, apoiada no encosto da poltrona. – Em sua respeitável opinião, teria eu bebido o equivalente ao oceano inteiro esta noite? É a sensação que eu tenho. Alguém me desafiou?

O ilustríssimo Sidney Welby contemplava o fogo – ou melhor, o que restara do fogo, já que não o tinham alimentado com carvão nem convocado um criado para cuidar disso. Ele franziu a testa enquanto se perdia em pensamentos antes de responder:

– Isso não seria possível, Percy. O oceano é reabastecido cons... constantemente pelos rios e pelos córregos, e tudo o mais. Riachos e regatos. Ele volta a se encher tão depressa quanto se esvazia.

– E recebe também a água da chuva – acrescentou Cyril Eldridge, muito prestativo. – Você só está com a *sensação* de ter bebido todo o oceano. Mas se o oceano secou mesmo, já que inclusive não choveu recentemente, todos nós tivemos uma participação nisso. Minha cabeça vai parecer ter o triplo do tamanho normal amanhã de manhã, e, para complicar, eu tenho fortes suspeitas de ter concordado em acompanhar minhas irmãs até a biblioteca ou coisa parecida, e você sabe, Percy, minha mãe não vai permitir que saiam apenas com a criada. E elas insistem em sair ao raiar do dia, para não correrem o risco de que alguém chegue antes e leve embora todos os livros que merecem ser lidos. Que não são muitos, na minha opinião. E o que elas estão fazendo na cidade tão no início do ano? Beth não vai se apresentar à sociedade antes da Páscoa, então para que *tantas* roupas? Mas o que sabe um irmão? No que diz respeito às minhas irmãs, absolutamente nada.

Cyril era um dos inúmeros primos de Percy. Havia doze deles no lado paterno da família, filhos das quatro irmãs de seu pai, e 23, na última contagem, no lado materno, embora ele se lembrasse vagamente de que a mãe mencionara que tia Doris, a caçula, se encontrava pela décima segunda vez em estado interessante. Sua prole respondia por grande parte daqueles 23, que em breve seriam 24. Todos os primos eram agradáveis. Todos o amavam e ele amava a todos, assim como os tios e as tias, claro. Não havia família

mais unida, mais amorosa, do que a dele, em ambos os lados. Ele era o mais afortunado dos mortais, refletiu Percy, com profunda melancolia.

– A aposta, Percy – acrescentou Arnold Biggs, visconde de Marwood –, era se você conseguiria deixar Jonesey em coma antes da meia-noite... o que não é uma façanha qualquer. Ele escorregou para debaixo da mesa quando faltavam dez minutos. Foram os roncoss dele que nos convenceram de que era hora de ir embora do clube. Eram completamente perturbadores.

– Então foi isso. – Percy deu um imenso bocejo. Um dos mistérios estava resolvido. Ele ergueu a taça, lembrou que estava vazia e baixou-a com estrépito na mesa ao seu lado. – Que o diabo o carregue, mas a vida se tornou uma chatice sem tamanho.

– Vai se sentir melhor amanhã, depois de ter passado o choque dos 30 anos hoje – disse Arnold. – Ou me refiro a hoje e a ontem? Isso mesmo. O ponteiro pequeno do relógio sobre a prateleira aponta para o número 3, e eu acredito nele. O sol ainda não nasceu. Devemos estar no meio da madrugada. Embora nessa época do ano seja *sempre* madrugada.

– Por que está tão entediado, Percy? – perguntou Cyril, parecendo ofendido. – Você tem tudo o que um homem poderia desejar. *Tudo*.

Percy voltou os pensamentos para uma contemplação das muitas bênçãos em sua vida. Cyril tinha razão. Não havia como negar. Além dos tios e primos amorosos, ele fora criado por pais que o adoravam como filho único – o único herdeiro, embora aparentemente tivessem feito um enorme esforço para encher a ala infantil de irmãos e irmãs. Tinha sido mimado com tudo o que podia querer ou necessitar, e os pais contavam com os meios para proporcionar tudo isso com estilo.

O bisavô paterno, como caçula de um conde, um simples substituto e não o herdeiro titular, dedicara-se a um comércio elegante. Acumulara o que podia ser considerado uma fortuna. O filho dele, o avô de Percy, transformou-a em uma *vasta* fortuna e a aumentou ainda mais ao se casar com uma mulher rica e muito regrada, que contava cada centavo gasto. O pai de Percy herdara tudo, a não ser os generosíssimos dotes conferidos às quatro irmãs, depois duplicara e então triplicara a riqueza por meio de investimentos inteligentes e se casara, por sua vez, com uma mulher que veio acompanhada de um polpudo dote.

Depois da morte do pai, três anos antes, Percy se tornara tão rico que levaria metade do tempo que lhe restava de vida só para contar as moedas

que a avó tão cuidadosamente poupara. Ou mesmo as libras. *E* havia a Casa Castleford, a grande e próspera propriedade em Derbyshire que o avô comprara supostamente com um maço de cédulas, para se vangloriar de sua posição para o resto do mundo.

Percy também tinha boa aparência. Não havia motivo para ser modesto a esse respeito. E mesmo se o espelho mentisse ou se ele se enganasse sobre a percepção do que via refletido, existia o fato de que cabeças se viravam – às vezes com admiração, às vezes com inveja – quando ele passava. Segundo inúmeras pessoas tinham lhe dito, Percy, alto e moreno, era a personificação do homem atraente. Desfrutava de boa saúde, como sempre – ele ergueu a mão direita e bateu na mesa ao lado com os nós dos dedos, fazendo com que a taça vazia de Sid quicasse –, e tinha todos os dentes na boca, todos decentemente brancos e em boas condições.

Tinha também um cérebro. Depois de ser educado em casa por três tutores, pois os pais não suportavam a ideia de mandá-lo para a escola, ele havia ido para Oxford estudar os clássicos e concluíra tudo três anos depois, obtendo graduação dupla, em latim e grego antigo. Tinha amigos e bons relacionamentos. Homens de todas as idades pareciam gostar dele, e as mulheres... Bem, as mulheres também o apreciavam, o que era uma sorte, porque ele também gostava delas. Gostava de encantá-las, de elogiá-las, de virar as páginas das partituras para elas, de dançar com elas e de levá-las para caminhar ou andar de carruagem. Gostava de flertar. Se fossem viúvas e disponíveis, gostava de dormir com elas. E tinha se tornado especialista na arte de evitar todas as armadilhas matrimoniais que preparavam para ele a cada momento.

Percy tivera uma série de amantes – embora não houvesse nenhuma naquela ocasião –, todas donas de beleza rara e maravilhosamente habilidosas, atrizes com gostos caros ou cortesãs muito desejadas por seus pares.

Ele era forte, atlético, em boa forma. Gostava de montar, lutar boxe, praticar esgrima e tiro, e se sobressaía em tudo, o que passara a deixá-lo um tanto inquieto nos últimos tempos. Ao longo dos anos, aceitara participar de mais apostas e desafios do que deveria, e, quanto mais imprudentes e perigosos, melhor. Tinha feito corridas até Brighton em seu cabriolé em três ocasiões diferentes – uma delas ida e volta –, tomara as rédeas de uma pesada diligência que atravessava a Grande Estrada do Norte depois de subornar o cocheiro... e disparara com os cavalos. Atravessara metade de Mayfair seguindo apenas pelos telhados e, de vez em quando, pelos vãos

entre eles, após ser desafiado a realizar a proeza sem encostar no chão e sem utilizar qualquer instrumento que tocasse o chão. Havia atravessado – por baixo – quase todas as pontes do rio Tâmis nas imediações de Londres. Tinha passeado por alguns dos pardieiros mais reconhecidamente perigosos da cidade em traje completo de noite, sem nenhuma arma mais mortal do que uma bengala – e uma bengala *sem* lâmina oculta, diga-se de passagem. Envolvera-se numa empolgante troca de socos com três agressores na última vez, depois que eles partiram sua bengala em dois pedaços, e saíra da briga com um olho roxo e com as roupas em frangalhos, para a tristeza malcontida de seu criado pessoal.

Lidara com irmãos, cunhados e pais irados – e sem motivo que justificasse tamanha ira, porque sempre tomava cuidado para não comprometer damas virtuosas nem cultivar expectativas que não tinha a intenção de cumprir. Ocasionalmente, os confrontos também acabavam em trocas de socos, em geral com os irmãos. Os irmãos, na sua experiência, tendiam a ser mais irascíveis do que os pais. Participara de um duelo com um marido que não gostara do jeito como Percy sorria para sua esposa. Percy não havia falado nem dançado com a mulher. Sorria porque ela era bonita e estava sorrindo para ele. O que deveria ter feito? *Uma cara feia?* Na manhã marcada, o marido atirou primeiro, errando a lateral da cabeça de Percy por quase meio quilômetro. Percy atirou em seguida, errando a orelha esquerda do homem por 60 centímetros – pretendia errar por 30 centímetros, mas no último momento preferiu ser cauteloso.

E, como se tudo isso não bastasse para apenas um homem, ele dispunha de títulos. *Títulos*. No plural. O antigo conde de Hardford, também visconde de Barclay, fora uma espécie de parente pelo lado daquele seu tataravô. Depois de uma briga de família, houve um afastamento entre os filhos do conde. O primogênito, que manteve o título e se escondia num recanto esquecido do mundo perto da Cornualha, tinha sido ignorado desde então pelo caçula. O conde mais recente, que descendia do primogênito, teve um filho e herdeiro, mas por algum motivo incompreensível, pois não havia outro filho de reserva, o rapaz seguiu para Portugal como oficial do Exército para lutar contra o velho Bonaparte e acabou morto.

Todo o drama dessa catástrofe familiar passou despercebido pelo caçula, que permanecia na feliz ignorância de todos os fatos. Tudo, porém, veio à tona quando o velho conde bateu as botas, quase exatamente um ano depois

da morte do pai de Percy. Por acaso, Percy era o único herdeiro dos títulos e da montanha de ruínas na Cornualha. Ou ele presumia que fossem ruínas, já que a propriedade parecia não gerar receita. Percy assumiu o título; não tinha escolha, na verdade. Chegou até a achar interessante, pelo menos a princípio, aquela história de ser chamado de Hardford ou, melhor ainda, de *senhor conde*, em vez de apenas Sr. Percival Hayes. Aceitou o título e ignorou o resto. Quer dizer, a maior parte do resto.

Entrou para a Câmara dos Lordes com toda a pompa e circunstância e fez seu discurso inaugural em uma tarde memorável, depois de passar muito tempo escrevendo e reescrevendo, ensaiando sem parar e mudando de ideia duas, três, 43 vezes, e tendo sonhos vívidos que eram quase pesadelos. Voltou a se sentar ao fim do discurso, ao som de aplausos educados, com o alívio de saber que nunca mais precisaria dizer uma palavra sequer ali, a não ser que desejasse. Na verdade, posteriormente, ele escolheria falar numa série de ocasiões, sem perder um minuto de sono.

Trocava saudações com o rei e com todos os duques reais e passou a ser mais solicitado do que nunca para a vida social. Frequentara os melhores alfaiates, sapateiros, camiseiros, barbeiros e afins, mas, depois de se tornar um *senhor conde*, começou a receber reverências e tapinhas nas costas numa frequência totalmente inédita. Sempre tinha sido popular com todos, pois era uma daquelas raridades entre os cavalheiros da aristocracia: um homem que pagava as contas com regularidade. E continuara fazendo isso, para o estarcimento evidente de todos. Passava a primavera em Londres, para a sessão no Parlamento e a temporada social. No verão, permanecia em sua propriedade ou em um dos balneários. E o outono e o inverno eram desfrutados em casa ou nos variados eventos para os quais era convidado, na prática de tiro, na pesca, na caça, de acordo com o tema da estação, e socializando. O único motivo para estar em Londres no começo de fevereiro era ter imaginado o tipo de festa que a mãe seria capaz de organizar em Castleford para seu trigésimo aniversário. Como alguém podia negar algo à amada mãe? Não podia, é claro. Era melhor voltar para a cidade, como um menino travesso que se esconde para evitar as consequências de alguma brincadeira.

Sim, em suma, ele era o mais afortunado dos homens no planeta. Não havia nem nunca houvera uma única nuvem no seu céu. Era tudo uma vastidão azul de pura felicidade. Ele não era o tipo de herói melancólico,

atraente de um modo sombrio. Nunca fizera nada que o deixasse triste nem nada verdadeiramente heroico, o que era um pouco lamentável, na verdade. A parte heroica, claro.

Todo homem deveria ser um herói pelo menos uma vez na vida.

– Sim, tudo – concordou ele com um suspiro, respondendo ao comentário feito pelo primo momentos antes. – Tenho tudo, Cyril. E, diabos, esse é o problema. Um homem que tem tudo não tem nada por que viver.

Um de seus valorosos tutores teria batido na mão dele com aquela bengala sempre presente por ter construído uma frase tão tortuosa.

– Filósofo... filosofia às três da manhã? – perguntou Sidney, levantando-se para ir até o aparador. – Melhor eu ir para casa antes que você dê um nó nos meus miolos, Percy. Comemoramos seu aniversário em grande estilo no White's. Devíamos ter voltado para casa depois, para dormir. Como viemos parar aqui?

– Numa carruagem de aluguel – lembrou Arnold. – Ou quer saber *por quê*, Sid? Porque estávamos prestes a ser expulsos, e Jonesey estava roncando, e aí você sugeriu que viéssemos para cá. Percy não protestou e achamos que era a melhor ideia que você teve em um ano ou mais...

– Estou lembrando agora – disse Sidney, enquanto enchia o copo.

– Como pode se sentir entediado, Percy, quando admite que tem tudo? – indagou Cyril, soando bastante indignado. – Isso me parece uma tremenda ingratidão.

– É ingratidão – concordou Percy. – De qualquer maneira, estou profundamente entediado. Talvez eu tenha que apelar para uma corrida até Hardford Hall. Simplesmente os confins da Cornualha. Pelo menos seria algo inédito para mim.

Como surgira *aquela* ideia na sua cabeça?

– *Em fevereiro?* – Arnold fez uma careta. – Não tome nenhuma decisão imprudente até abril, Percy. Vai haver bem mais gente na cidade nessa época, e a vontade de sair correndo para outro lugar desaparecerá sem deixar vestígios.

– Ainda faltam dois meses para abril – retrucou Percy.

– *Hardford Hall!* – exclamou Cyril, com certo nojo. – Aquele lugar no meio do nada? O que você faria por lá, Percy? Só tem ovelhas e charnecas, garanto. E vento, e chuva, e o mar. Demoraria uma semana só para chegar.

Percy ergueu as sobrancelhas.

– Só se eu estivesse montado em um cavalo manco – falou. – Não tenho cavalos mancos, Cyril. Vou mandar tirar as teias de aranha das vigas da casa assim que chegar lá e convidar todos vocês para uma grande festa, que tal?

– Não está falando *xéριο*, não é, Percy? – perguntou Sidney, sem se dar ao trabalho de se corrigir.

Estaria? Percy dedicou alguma reflexão ao assunto. A sessão da Câmara e a temporada social estariam a todo vapor assim que passasse a Páscoa, e, com exceção de alguns rostos novos e algumas mudanças inevitáveis na moda para garantir que todo mundo continuasse a correr para os alfaiates e para as modistas, não haveria absolutamente nada de novo para animá-lo. Estava ficando meio velho para todos aqueles desafios e excentricidades que o divertiram durante seus 20 anos. Se fosse para casa, em Derbyshire, em vez de ficar ali, a mãe com toda a certeza organizaria uma festa de aniversário *atrasada* em sua homenagem, que Deus o ajudasse. Se fosse para lá, ele poderia tentar se envolver na administração da propriedade, mas logo se descobriria, como sempre, sendo encarado com uma dolorida condescendência por seu administrador muito competente. O homem o intimidava. Parecia um pouco uma extensão dos três respeitáveis tutores da infância de Percy.

Por que *não* ir à Cornualha? Talvez a melhor resposta para o tédio não fosse correr dele, mas correr *para* ele, fazer tudo que pudesse para piorá-lo. Até que era uma boa ideia. Mas talvez não devesse pensar tanto quando estivesse bêbado. Com certeza não era sábio fazer planos enquanto a mente racional se encontrava em condições tão prejudicadas. Nem conversar sobre tais planos com homens que esperavam que ele os colocasse em prática, porque era o que ele sempre fazia. Poderia muito bem mudar de ideia quando a manhã e a sobriedade chegassem. Não. Melhor na tarde *seguinte*.

– Por que eu não estaria falando sério? – perguntou ele, sem se dirigir a ninguém em particular. – Sou o dono do lugar há dois anos, mas nunca o vi. Preciso aparecer lá mais cedo ou mais tarde... ou, no caso, talvez mais tarde do que mais cedo. O senhor da casa e tudo mais. Vou passar algum tempo lá, pelo menos até que as coisas fiquem animadas em Londres. Quem sabe depois de uma ou duas semanas eu fique feliz de voltar para cá, jogando as mãos para o céu a cada quilômetro, agradecendo pela sorte que tenho. Ou... talvez eu me apaixone pelo lugar e lá permaneça para todo o sempre, amém. Talvez eu fique satisfeito em ser o Hardford, de Hardford Hall. Mas

não soa muito bem, não é? A gente imagina que o conde original pensaria num nome melhor para a ruína. Hall das Ruínas, talvez? Hardford do Hall das Ruínas?

Minha nossa, como ele estava bêbado.

Três pares de olhos o contemplavam com diferentes graus de incredulidade. Os donos daqueles olhos também pareciam ligeiramente desgrenhados e demonstravam sinais de cansaço.

– Por favor, me perdoem – disse Percy, levantando-se abruptamente e descobrindo que pelo menos não estava bêbado a ponto de cair. – É melhor eu escrever para alguém em Hardford e avisar que devem começar a tirar as teias de aranha. À governanta, se é que há uma. Ao mordomo, se é que há um. Ao administrador, se... Sim, por Júpiter, definitivamente *há* um desses. Todo mês ele me manda um relatório de cinco linhas, manuscrito em letras microscópicas. Escreverei para ele. Vou avisá-lo de que precisa adquirir uma grande vassoura e encontrar alguém que saiba usá-la.

Percy bocejou até as mandíbulas estalarem e permaneceu de pé até ver os amigos passarem pela porta e descerem os degraus para a praça. Ficou olhando até ter certeza de que todos se mantinham eretos e que tinham tomado a direção certa para casa.

Sentou-se para escrever a carta antes que sua determinação esfriasse. Depois redigiu mais uma, para a mãe, explicando aonde ia. Ela ficaria preocupada se ele simplesmente desaparecesse. Deixou as duas correspondências na bandeja do saguão, para que fossem despachadas pela manhã, e se arrastou até a cama no segundo andar. O valete o esperava na sala de vestir, apesar de ter sido dispensado. O homem gostava de ser um mártir.

– Estou bêbado, Watkins – anunciou Percy –, e tenho 30 anos. Tenho tudo na vida, como meu primo acabou de me lembrar, e estou tão entediado que me levantar pela manhã me parece um esforço inútil, pois tenho que voltar na noite seguinte. Amanhã... ou melhor, hoje... pode fazer as malas para uma viagem ao interior. Vamos partir para a Cornualha. Para Hardford Hall. A sede do conde. E eu sou o referido conde.

– Sim, milorde – disse Watkins, sem demonstrar alteração na dignidade impávida da sua expressão.

Provavelmente ele teria dito o mesmo e ostentado a mesma *calma* se Percy tivesse anunciado que partiriam para a América do Sul para fazer uma excursão ao rio Amazonas.

Não importava. Estava de partida para a Cornualha. Devia estar ficando maluco. No mínimo. Talvez a sobriedade lhe devolvesse o bom senso.

No dia seguinte.

Ou estava se referindo àquele mesmo dia, mais tarde? Estava, sim. Tinha acabado de dizer aquilo para Watkins.

CAPÍTULO 2



Imogen Hayes, lady Barclay, estava a caminho de sua casa em Hardford Hall, depois de ter deixado a aldeia de Porthdare, a cerca de 3 quilômetros de distância. Normalmente, ela fazia o trajeto a cavalo ou conduzindo uma charrete, mas naquele dia decidira que precisava de exercício. Tinha caminhado até a aldeia pela beira da estrada, mas na volta escolhera pegar a trilha que margeava os penhascos. Isso alongaria o percurso em quase 1 quilômetro, e a subida do vale do rio onde a aldeia se situava era consideravelmente mais íngreme do que a estrada. Mas ela gostava mesmo de exercitar as pernas e de avistar o mar à sua direita até a aldeia lá embaixo, onde os chalés de pescadores se apinhavam em torno do estuário e os barcos balançavam na água.

Ela apreciava o grito tristonho das gaivotas que ziguezagueavam pelos céus e mergulhavam acima e abaixo dela. Adorava o desalinho dos arbustos espinhosos que cresciam em profusão à sua volta. O vento era frio e penetrava em suas roupas, mas ela adorava o ruído selvagem, o cheiro de maresia e a intensa sensação de solidão que carregava. Segurou com as mãos enluvadas as beiradas de seu manto grosso. O nariz e as bochechas deviam estar vermelhos e brilhantes.

Acabara de visitar sua amiga Tilly Wenzel, a quem não via desde antes do Natal, que passara na casa do irmão, o lar de sua infância, 30 quilômetros a nordeste. Permanecera por lá durante o mês de janeiro também. Havia uma nova sobrinha para admirar, bem como três sobrinhos para mimar. Tinha aproveitado bem aquelas semanas, mas não estava acostumada ao barulho, à confusão e à incessante obrigação de socializar. Não tinha se transformado numa eremita, mas acostumara-se a viver sozinha.

O Sr. Wenzel, irmão de Tilly, se oferecera para levá-la em casa, ressaltando que a viagem de volta era uma bela subida, e bem íngreme em certos trechos. Imogen recusara a cortesia, usando como pretexto uma visita à Sra. Park, uma senhora idosa que estava confinada em casa desde que sofrera uma queda, machucando muito o quadril. A visita, claro, implicara ouvir durante quarenta minutos cada detalhe horrendo do acidente. Mas Imogen compreendia que os idosos às vezes se sentiam solitários, e quarenta minutos de seu tempo não era um sacrifício tão grande. Além disso, se permitisse que o Sr. Wenzel a levasse em casa, ele novamente lhe contaria sobre os tempos de menino com Dicky, falecido marido de Imogen. Depois, daria início, cautelosamente, aos galanteios atrapalhados de sempre.

Imogen parou para recuperar o fôlego quando estava no vale e a trilha dos penhascos se tornou mais plana, acompanhando o platô. Ainda subia gradualmente na direção da muralha de pedra que cercava, em três lados, o parque em torno de Hardford Hall; os penhascos e o mar formavam o quarto lado. Ela se virou para olhar para baixo enquanto o vento fustigava a aba de seu chapéu e quase a deixava sem ar. Os dedos formigavam dentro das luvas. O céu cinzento estendia-se no alto, e o mar da mesma cor, com pontinhos de espuma, estendia-se abaixo. Penhascos rochosos despencavam quase ao lado da trilha. A cor cinza estava em toda parte. Até seu manto era cinzento.

Por um momento, seu humor ameaçou acompanhar a paleta de cor. Então ela balançou a cabeça e seguiu em frente. *Não* se renderia à depressão. Era uma batalha que já havia travado com frequência e que não perdera até o momento.

Além do mais, havia a visita anual a Penderris Hall, a 55 quilômetros dali. Era algo para se esperar com ansiedade e aconteceria no mês seguinte, ou seja, muito em breve. A propriedade pertencia a George Crabbe, duque de Stanbrook, primo em segundo grau de sua mãe e um de seus amigos mais queridos – um de seus seis amigos. Os sete formavam o Clube dos Sobreviventes. Tinham permanecido juntos em Penderris durante três anos, cuidando das feridas que tiveram durante as guerras napoleônicas, embora nem todas fossem físicas. Era o caso dela. O marido fora morto no cativeiro, sob tortura, em Portugal, com ela presente, testemunhando o sofrimento dele. Tinha sido solta depois da morte dele e chegara a ser devolvida ao regimento com toda a pompa e circunstância por um coronel francês, sob uma bandeira de trégua. Mas Imogen não tinha sido poupada.

Depois de três anos em Penderris, eles tiveram que seguir o próprio caminho. Exceto George, claro, que já estava em casa. Mas haviam combinado de se reunir todo ano, durante três semanas no início da primavera. No ano anterior, tinham ido para Middlebury Park, em Gloucestershire, que era o lar de Vincent, o visconde de Darleigh. A esposa dele acabara de dar à luz o primogênito e ele não estava disposto a se separar dos dois.

Esse ano, na quinta reunião, eles voltariam a Penderris. Mas não importava onde passavam aquelas semanas: para Imogen, elas eram, de longe, sua época preferida do ano. Sempre detestava a hora de partir, embora nunca externasse seus sentimentos. Ela amava totalmente, incondicionalmente, aqueles seis homens. Não havia componente sexual em seu amor, por mais que fossem atraentes, sem exceção. Conhecera-os numa época em que esse tipo de atração estava fora de questão. Em vez disso, passou a adorá-los. Eram seus amigos, seus companheiros. Seus irmãos de corpo e alma.

Afastou uma lágrima com a mão impaciente enquanto retomava a caminhada. Só precisava esperar mais algumas semanas...

Subiu a escada que separava a trilha de sua extensão particular dentro da propriedade. O caminho se bifurcava e, em vez de seguir para a residência principal, ela, por puro hábito, continuou pela direita até a própria casa, que se localizava no recanto sudoeste do parque. Ficava perto dos penhascos, embora ocupasse um pequeno terreno abrigado de ventos mais fortes por rochas altas, protuberantes, que quase a cercavam, como uma ferradura. Imogen havia pedido para morar ali depois de voltar daqueles três anos em Penderris. Tinha se apegado ao pai de Dicky, o conde de Hardford, por mais indolente que ele fosse, e nutria muita estima pela irmã solteirona do sogro, tia Lavinia, que passara a vida inteira em Hardford. Apesar disso, Imogen se sentia incapaz de morar na casa principal com eles.

O sogro não ficara nada feliz com seu pedido. Aquela casa tinha sido negligenciada por muito tempo, protestara ele, e mal podia ser considerada habitável. Só que não havia nada de errado com ela, pelo que Imogen tinha visto, nada que uma boa arejada e uma boa limpeza não pudessem resolver, ainda que o telhado realmente não estivesse nas melhores condições. Só depois que acabaram as desculpas e o conde cedera a seus apelos, Imogen descobriu o verdadeiro motivo de sua relutância. O porão da casa servira como armazém para produtos contrabandeados. O conde tinha uma queda por conhaque francês e provavelmente mantinha um bom estoque a preços

baixíssimos, ou talvez sem custo nenhum, graças a uma gangue de contrabandistas que lhe demonstrava gratidão por permitir as operações naquela área.

Fora perturbador saber que o sogro permanecia envolvido com aquele negócio clandestino, e por vezes perverso, do mesmo modo que fazia nos tempos em que Dicky ainda estava em casa. O envolvimento com o crime criara uma séria discórdia entre pai e filho, o que havia sido fator decisivo na escolha do marido de se juntar aos militares em vez de ficar e ter que lutar contra o próprio pai.

O conde concordara em tirar do porão qualquer sobra de contrabando e lacrar a porta que conduzia até o lado de fora. Mandara trocar a fechadura da porta da frente e todas as chaves foram entregues a Imogen. Até lhe garantira que acabaria com o contrabando naquele trecho do litoral, em particular nos limites da propriedade Hardford, embora Imogen não tivesse depositado muita fé em sua palavra. Depois disso, ela nunca mais mencionara o contrabando para ninguém, seguindo a teoria de que o que os olhos não veem, o coração não sente. Era uma atitude meio covarde do ponto de vista moral, mas... Bem, ela não pensava muito no assunto.

Mudara-se da residência principal para sua própria casa e vivera feliz desde então, ou pelo menos tão feliz quanto possível.

Parou diante do portão do jardim e olhou para cima. Não, nenhum milagre ocorrera desde o dia anterior. A casa continuava sem telhado.

O telhado antigo tinha buracos desde que Imogen se mudara para lá, mas no ano anterior haviam sido necessários tantos baldes para recolher as gotas quando chovia que o piso do andar superior ficara parecendo uma pista de corrida de obstáculos. Com certeza um remendo esporádico não seria mais suficiente. O telhado inteiro precisaria ser substituído, e Imogen teria preferido cuidar disso na primavera. No entanto, durante uma tempestade particularmente terrível em dezembro, uma parte grande do telhado fora arrancada e Imogen não tivera escolha a não ser providenciar a tal reforma na pior época do ano. Por sorte, havia um carpinteiro especializado em telhados na aldeia de Meirion, 9 quilômetros rio acima. Ele prometera realizar todo o conserto antes que ela voltasse da casa do irmão, e o clima havia cooperado. Janeiro tinha sido um mês extraordinariamente seco.

No retorno – uma semana antes –, porém, ela descobrira que o trabalho nem havia começado. O carpinteiro, ao ser confrontado, explicou que a tinha esperado voltar para saber exatamente o que ela queria – aparentemente, *um*

telhado novo não fora claro o bastante. Os trabalhadores deveriam ter aparecido nessa semana, mas até o momento sua ausência vinha sendo notável. Ela teria que mandar mais uma carta de reclamação através dos cavaleiros.

A situação era muito frustrante, pois ela estava sendo obrigada a se hospedar na casa principal até o fim da obra. Não consistia em nenhuma grande dificuldade, dizia a si mesma. Pelo menos, tinha para onde ir. E sempre amara tia Lavinia. No entanto, no decorrer do primeiro ano após a morte do conde, tia Lavinia concluíra que seria de bom-tom ter uma acompanhante. A dama escolhida fora a Sra. Ferby, a prima Adelaide, uma viúva idosa que gostava de explicar na sua voz gravíssima, penetrante, para quem não tivesse escolha além de ouvir, que fora casada durante sete meses, que enviudara antes dos 18 e desse modo tivera a sorte de escapular da escravidão do matrimônio.

Durante anos após seu luto, prima Adelaide fazia visitas supostamente curtas a seus infelizes parentes, pois lhe cabiam pouquíssimos recursos, e ela permanecia como hóspede até que alguém da família fosse convencido a convidá-la para uma curta visita a outra parte. Tia Lavinia a havia convidado de boa vontade para morar indefinidamente em Hardford, e prima Adelaide logo chegara e se acomodara. Tia Lavinia recolhera mais uma criatura abandonada. Ela as colecionava como outros colecionavam conchas ou caixas de rapé.

Não, não era nenhum grande problema ser obrigada a ficar na casa principal, dizia Imogen a si mesma, com um suspiro, ao dar as costas para a visão deprimente de sua casa sem telhado. A não ser pelo fato de que *em breve* a situação ficaria muito pior, porque o novo conde de Hardford estava a caminho de Hardford Hall.

O carpinteiro merecia chibatadas.

O novo conde avisara que iria passar uma temporada de duração indeterminada na propriedade. Na verdade, o novo conde não era tão recente assim. Ele tomara posse do título logo após a morte do sogro de Imogen, dois anos antes, mas não havia escrito na época nem aparecido desde então, nem mesmo demonstrado qualquer interesse por sua herança. Não houvera carta de condolências para tia Lavinia nem nada parecido. Tinha sido fácil esquecê-lo, e até mesmo fingir que ele não existia, torcendo para que *ele* tivesse se esquecido *delas*.

Não sabiam nada a seu respeito, por mais estranho que parecesse. O sujeito podia ter qualquer idade, de 10 a 90, embora 90 não fosse provável, tampouco

10, pois a carta entregue pelo administrador de Hardford naquela manhã parecia ter sido escrita pelo próprio conde. Imogen a lera. A letra não era linear, mas sem dúvida era de um adulto, e o texto era curto. Informava ao Sr. Ratchett que o senhor conde pretendia passear até a Cornualha, pois não tinha muito o que fazer, e se sentiria grato se pudesse encontrar Hardford Hall em condições razoavelmente habitáveis. E de posse de uma vassoura.

Uma carta extraordinária. Imogen desconfiava que seu autor estava bêbado ao escrevê-la.

Não era uma perspectiva reconfortante.

De posse de uma vassoura?

Não sabiam se era casado ou solteiro, se viria sozinho ou com uma esposa e dez filhos, se estaria disposto a dividir o espaço com três parentes ou se teria a expectativa de que se recolhessem à outra casa, com ou sem telhado. Não sabiam se era simpático ou cheio de caprichos, gordo ou magro, bonito ou feio. Ou um beerrão. Mas ele vinha. *Passear* sugeria que o novo conde faria o percurso sem pressa. Com certeza, teriam uma semana para os preparativos, talvez mais.

Passear até a Cornualha. Em fevereiro.

Não tinha muito o que fazer.

Que *tipo* de homem era ele?

E qual era a relação da vassoura com tudo isso?

Imogen dirigiu-se à casa principal a passos lentos, apesar do frio. Pobre tia Lavinia. Estava agitadíssima quando Imogen saía, mais cedo. Assim como a Sra. Attlee, a governanta, e a Sra. Evans, a cozinheira. Prima Adelaide, nada impressionada, firmemente acomodada na sua poltrona de sempre, próxima à lareira do salão, declarara com determinação que o inferno congelaria antes que ela se empolgasse com a iminente chegada de um *homem*. Embora aquele homem, mesmo sem saber, estivesse lhe fornecendo um lar naquele exato momento. Naquele instante, Imogen decidira que era uma boa hora para caminhar até a aldeia e visitar Tilly.

Só que não podia retardar mais sua volta. Ah, como ansiava pela solidão da própria casa...

Um dos cavaleiros levava um cavalo para o estábulo, ela percebeu ao se aproximar do gramado. Era um animal desconhecido, um castanho magnífico que com certeza teria reconhecido se pertencesse a algum dos vizinhos.

Quem...?

Talvez...

Não, era cedo demais. Talvez fosse outra mensagem enviada pelo conde. Mas... numa montaria *esplêndida* como aquela? Imogen aproximou-se das portas principais com um estranho presságio. Abriu uma delas e entrou.

O mordomo se encontrava ali, com sua aparência impassível, como sempre. Ao lado dele, havia um cavaleiro desconhecido.

A primeira impressão de Imogen foi de uma avassaladora energia masculina. O homem era alto e atraente. Estava vestido para montar, com um longo casaco pardo, com pelo menos dez capas e botas de couro preto que pareciam confortáveis e caras, apesar da camada de poeira que as cobria. Usava uma cartola e luvas claras de couro. Numa das mãos, tinha um chicote de montaria. O cabelo, dava para ver, era muito escuro, e os olhos, muito azuis. E ele era incrivelmente lindo, a ponto de deixar qualquer mulher de pernas bambas.

A segunda impressão foi que ele tinha a si mesmo em ótima conta, e a todos os outros em péssima conta. Parecia ao mesmo tempo impaciente e insuportavelmente arrogante. Virou-se, olhou para ela, depois olhou para a porta atrás dela, que Imogen tinha fechado, e em seguida olhou de novo para ela, com as sobrancelhas arqueadas.

– E quem diabo seria a *senhora*? – perguntou.



Tinha sido uma jornada longa e tediosa – e fria, como se poderia imaginar –, que Percy realizara, em sua maior parte, no lombo do cavalo. Seu cavaliço conduzia o cabriolé de corrida e, em algum lugar atrás dos dois, na carruagem, vinha um Watkins amuado e estoico, cercado por tantos baús, bolsas e malas, dentro e fora do veículo, que seu esplendor cintilante devia ter passado praticamente despercebido a todos os mortais inferiores que poderiam admirá-lo durante o trajeto. Watkins não gostava disso. Mas já estava amuado – estoicamente – porque tinha tentado acrescentar uma carruagem para a bagagem, *não* para dividir a carga entre dois veículos, e sim para poder dobrá-la, e Percy recusara.

Passariam uma ou duas semanas ali, no máximo, pelo amor de Deus. Enquanto atravessavam Devon a cavalo e seguiam para a Cornualha, tinham a sensação de estarem deixando a civilização para trás e abrindo caminho

pelo desconhecido. A paisagem era escarpada e sombria, e o mar – sempre presente – tinha um tom cinzento que combinava com o do céu. Será que em algum momento o sol brilhava naquela parte do mundo? Não diziam que a Cornualha era mais *quente* do que o resto da Inglaterra? Ele não acreditou nisso nem por um momento.

Quando Hardford surgiu à frente deles, Percy não estava apenas entediado. Estava irritado. Consigo mesmo. Que diabo o possuía? A resposta era óbvia: a bebida. Ele iria encontrar um modo diferente de comemorar o aniversário seguinte: puxaria uma poltrona para junto da lareira, enrolaria uma coberta de lã nos ombros, apoiaria os pés com chinelos num banquinho perto do fogo, colocaria uma xícara de chá com leite a seu lado e leria Homero em grego. Ah, e usaria um gorro com uma borla.

Hardford Hall tinha sido construída com vista para o mar, o que não podia ser considerado surpreendente. Onde mais seria possível instalar uma casa na Cornualha? Os quartos que davam para a frente, especialmente os do andar superior, teriam uma vista panorâmica muito agradável para as vastas profundezas se os aposentos fossem habitáveis, pensou ele, e se o que ele via não fosse apenas uma fachada vazia escondendo ruínas. No entanto, todas as evidências sugeriam que *não* era um monte de ruínas.

A casa era uma construção em pedra cinzenta, sólida, no estilo neoclássico, mais uma mansão do que um solar. E, embora houvesse hera nas paredes, parecia que a vegetação tinha sido contida por uma ou mais mãos humanas. A casa tinha sido erguida num ligeiro aclave, supostamente para parecer imponente. Mas era também protegida por trás e parcialmente nas laterais por pedras, árvores e pelo que devia ser um jardim rochoso colorido no verão. Sua posição impedia que os ventos fortes a carregassem até Devon ou Somerset. Aliás, o vento parecia ser uma presença constante naquele canto específico da alegre Inglaterra.

Havia penhascos escarpados bem à vista, mas pelo menos a casa não ficava na beirada de nenhum deles. Estava a uma distância considerável, na verdade. E até onde os olhos de Percy podiam ver, a construção era cercada por um parque murado que, como a hera, parecia contar com manutenção frequente. Alguém tinha aparado a grama antes do começo do inverno e podado as árvores. Havia canteiros sem flores, naturalmente, mas também sem ervas daninhas. Parecia que uma fileira de arbustos espinhosos separava o parque dos penhascos, uma cerca viva em vez de um muro.

Quando Percy enfim chegou ao pátio da casa e esperou pelo cavaliço, que surgiu do estábulo e foi guardar sua montaria, teve esperança de que pelo menos não precisasse passar o resto do dia varrendo teias de aranha. Talvez ele tivesse empregados ali – uma governanta, no mínimo. Havia, afinal de contas, um cavaliço, além de um ou dois jardineiros. Talvez – podia ter esperança? – houvesse até mesmo uma cozinheira. Quem sabe até uma *lareira* em um dos cômodos. E de fato, ao erguer o olhar para o telhado, teve a visão bem-vinda de uma coluna de fumaça emergindo de uma das chaminés.

Subiu os degraus até as portas principais. Eles tinham sido limpos havia pouco tempo, conforme percebeu, e a aldrava tinha sido polida. Em vez de usá-la para bater à porta, girou as duas maçanetas e constatou que a casa estava destrancada. Entrou em um saguão de boa proporção com piso cerâmico em preto e branco, móveis antigos e pesados em madeira escura muito lustrada e brilhante e retratos antigos pendurados nas paredes em molduras elaboradas, o mais proeminente deles exibindo um cavalheiro com uma grande peruca branca, um casaco muito bordado, calças até o joelho e sapatos vermelhos com um salto. Quatro cães de caça esguios o cercavam, numa agradável composição.

Um conde, presumiu Percy. Talvez um de seus próprios ancestrais?

Por um instante, o saguão permaneceu vazio e ele sentiu alívio, porque o lugar parecia obviamente limpo e bem-cuidado, mas também ficou aturdido com a razão daquilo tudo. Para quem a casa e as propriedades eram mantidas? Quem diabo morava ali?

Um homem idoso de cabelo grisalho apareceu das profundezas da terra, rangendo. A palavra *mordomo* estava praticamente estampada na testa dele. Não era possível que fosse outra coisa. Mas um mordomo em uma casa vazia?

– Sou Hardford – disse Percy, seco, batendo o chicote de montaria na bota.

– Milorde – cumprimentou o mordomo, inclinando o corpo para a frente uns 5 centímetros e rangendo de modo alarmante ao fazê-lo. Seria uma cinta ou só os ossos velhos?

– E o senhor? – Percy fez um movimento circular impaciente com a mão livre.

– Crutchley, milorde.

Ah, um homem de poucas palavras. Em seguida, um gato malhado de

aparência sarnenta disparou pelo saguão, parou de repente, arqueou as costas e sibilou para Percy, depois saiu correndo de novo.

Se havia uma categoria que Percy detestava, era a dos gatos.

Então uma das portas se abriu e se fechou. Ele se voltou para ver quem tivera a afronta de entrar pela porta principal sem sequer dar uma batidinha.

Uma mulher. Era jovem, embora não fosse mais uma garota. Usava uma capa cinza na mesma tonalidade do chapéu, talvez para se camuflar na paisagem. Era alta e esguia, e era impossível saber, com a capa, se havia curvas que tornassem sua silhueta interessante. O cabelo tinha um tom alourado. Não havia muitos fios visíveis sob o chapéu, nem um único cacho. O rosto tinha o formato oval, com maçãs salientes, olhos meio grandes num tom cinza-esverdeado, nariz reto e uma boca larga que parecia cobrir dentes ligeiramente salientes. Parecia saída de uma saga nórdica. Poderia ser um belo rosto, caso houvesse alguma animação nele. Mas a mulher apenas o encarou, como se *ela* o avaliasse. Na casa *dele*.

Essa foi a primeira impressão de Percy. A segunda foi que a mulher parecia ter o mesmo apelo sexual de uma coluna de mármore. E, por mais estranho que parecesse, que ela era sinônimo de problemas. Percy não estava acostumado a lidar com mulheres que mais pareciam colunas de mármore e que entravam em sua casa sem serem anunciadas ou convidadas, e que ainda por cima o encaravam sem admiração, sem enrubescer, sem nenhum artil feminino reconhecível. Embora, no caso dela, fosse difícil detectar qualquer sinal de rubor, já que as bochechas e a ponta do nariz estavam rosadas por causa do frio. Pelo menos a cor demonstrava que ela não era literalmente de mármore.

– E quem diabo seria a *senhora*? – perguntou ele.

Ela provocara seus modos rudes ao entrar sem fazer a cortesia de bater à porta. Ele não tinha o costume de ser grosseiro com mulheres.

– Imogen Hayes, lady Barclay – respondeu ela.

Pois bem, aquilo foi um golpe e tanto. Se tivesse sido acompanhado de um punho, ele teria se estatelado no chão.

– Será que estou sofrendo de amnésia? – retrucou ele. – Casei-me com a senhora e me esqueci? Acredito que seja *eu* o *lorde* Barclay. Visconde de Barclay, para ser exato.

– Se tivesse se casado comigo – disse ela –, o que, louvados sejam os céus, não aconteceu, eu teria me apresentado como condessa de Hardford, certo? O senhor é o *conde*, presumo.

Ele a observou com mais atenção. A mulher tinha uma voz baixa, aveludada – o que ocultava o veneno. E seus dentes não eram *salientes*. Apenas o lábio superior era ligeiramente curvado para cima, uma característica bastante interessante. Poderia até ser sedutora se *ela* fosse sedutora. Mas não era.

Não estava acostumado a sentir animosidade em relação a mulheres, muito menos a mulheres jovens. Tudo indicava que, no caso daquela, estava disposto a abrir uma exceção.

Por fim, ele compreendeu.

– É a viúva do filho de meu antecessor – concluiu.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Não sabia que ele tinha uma viúva – explicou Percy. – Uma esposa, quero dizer. Viúva agora. A senhora mora aqui?

– Temporariamente – disse ela. – Minha casa mesmo é logo ali. – Ela fez um gesto vago na direção oeste. – Mas o telhado está sendo substituído.

Ele franziu a testa.

– Não fui informado dessa despesa – comentou ele.

As sobrancelhas dela permaneceram erguidas.

– Não é uma despesa sua – informou-o. – Não sou uma pessoa pobre.

– Está gastando dinheiro numa propriedade que supostamente pertence *a mim*? – perguntou ele.

– Sou a nora do falecido conde – disse ela –, a viúva do filho dele. Considero que, na prática, aquela casa pertence a mim.

– E o que acontecerá quando se casar novamente? – indagou ele. – Por acaso me pedirá que a reembolse pelo custo da obra?

Por que *diabo* ele estava entrando nesses detalhes quando mal havia atravessado a porta? E por que estava se comportando de modo tão abominável e mal-educado? Achava mulheres de mármore algo ofensivo? Não, pelo menos não em teoria. Nunca conhecera uma pessoalmente. Os olhos potencialmente belos dela não demonstravam qualquer calor.

– Não acontecerá – afirmou a mulher. – Não voltarei a me casar nem pedirei que devolva meu dinheiro.

– Ninguém a aceitará? – Ele estava ultrapassando todos os limites da civilidade. Deveria pedir desculpas envergonhadas imediatamente. Em vez disso, fez uma careta. – Quantos anos a senhora tem?

– Não estou convencida de que minha idade seja de sua conta – rebateu ela. – Também não é de sua conta a lista de meus possíveis pretendentes ou

a inexistência deles. Sr. Crutchley, acredito que o conde de Hardford gostaria de conhecer seus aposentos, para poder tirar a poeira da viagem e trocar de roupa. Mande uma bandeja de chá para o salão em meia hora, por favor. Lady Lavinia está ansiosa para conhecer o primo.

– Lady Lavinia? – ecoou Percy.

– Lady Lavinia Hayes é a irmã do falecido conde – explicou Imogen. – Ela mora aqui. Assim como a Sra. Ferby, sua prima materna e, no momento, sua acompanhante.

Percy a encarou com mais intensidade. Pior é que não havia a menor possibilidade de que ela o estivesse provocando.

– Não mora na outra casa, já que há um telhado nela?

– Não, mora aqui – respondeu ela. – Sr. Crutchley, por favor?

– Siga-me, milorde – disse o mordomo no instante em que Percy ouviu o ruído de rodas se aproximando da casa. O cabriolé, imaginou.

Por um breve momento, Percy pensou em sair correndo porta afora, descer os degraus, pular na cabine e ordenar que seu cavalariaço pusesse os animais para correr, de preferência rumo a Londres. Mas seria uma vergonha deixar para trás seu cavalo favorito.

Em vez disso, ele deu meia-volta para seguir o mordomo, que já se retirava. Watkins e a bagagem ainda demorariam um pouco. Lady Barclay, lady Lavinia Hayes e a Sra. Ferby teriam que receber toda a sua empoeirada glória para o chá.

Três mulheres. Que maravilha! Com certeza uma cura para o tédio e tudo mais que o afligia.

Isso o ensinaria a não tomar mais decisões precipitadas enquanto se embriagava.

CONHEÇA OS LIVROS DE MARY BALOGH

OS BEDWYNS

Ligeiramente perigosos

Ligeiramente pecaminosos

Ligeiramente seduzidos

Ligeiramente escandalosos

Ligeiramente maliciosos

Ligeiramente casados

CLUBE DOS SOBREVIVENTES

Uma proposta e nada mais

Um acordo e nada mais

Uma loucura e nada mais

Uma paixão e nada mais

Uma promessa e nada mais

Um beijo e nada mais

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

